Fundação Getulio Vargas | **Veículo:** Estado de Minas Online - MG | **Data:** 24/10/2022
Tópico: FGV Social | **Página:** 13:25:50 | **Editoria:** -

Brasil retoma crescimento de forma desigual e convive com alta na extrema pobreza
Clique aqui para ver a notícia no site

Metade mais pobre da populaÃ§Ã£o concentra 9,8% da renda no paÃs; 10% mais ricos respondem por 59,8%, segundo dados de 2019 do World Inequality Database. Exaltada pelo governo Jair Bolsonaro (PL), a recuperaÃ§Ã£o do crescimento econÃ"mico tem sido acompanhada de uma expansÃ£o na parcela da populaÃ§Ã£o em situaÃ§Ã£o de extrema pobreza, uma combinaÃ§Ã£o perversa que indica concentraÃ§Ã£o de renda no Brasil. O problema foi agravado pela pandemia de Covid-19, mas jÃ¡ era observado desde 2016, na esteira da crise econÃ"mica e polÃtica que abateu o paÃs. Entre 2016 e 2021, houve uma alta de mÃ©dia de 1% ao ano no PIB (Produto Interno Bruto), indicador que retrata toda a riqueza gerada no paÃs em determinado perÃodo. JÃ¡ a fatia da populaÃ§Ã£o na extrema pobreza cresceu 0,2 ponto percentual ao ano, segundo dados reunidos pela economista Laura Muller Machado, ex-secretÃ¡ria de Desenvolvimento Social do Governo de SÃ£o Paulo e especialista na Ã¡rea. "Estamos cuidando do crescimento do PIB, mas nÃ£o tanto de reduzir a pobreza. O PIB estÃ¡ crescendo, mas estÃ¡ sendo distribuÃdo de uma maneira mais desigual do que antes da pandemia", diz. Uma das possÃveis razÃµes para essa conjunÃ§Ã£o de resultados, segundo ela, Ã© a piora na focalizaÃ§Ã£o dos benefÃcios sociais. A despeito da ampliaÃ§Ã£o dos valores pagos e dos esforÃ§os para reduzir as filas de quem ainda nÃ£o recebe, os programas estÃ£o alcanÃ§ando pessoas que nÃ£o estariam entre as prioridades mais imediatas. Um sinal que poderia corroborar essa hipÃ³tese Ã© a constataÃ§Ã£o de que hoje, no Brasil, 33 milhÃµes de pessoas passam fome, ao mesmo tempo em que o AuxÃlio Brasil -principal programa de transferÃªncia de renda e sucessor do Bolsa FamÃlia- contempla 21,1 milhÃµes de famÃlias e 54,8 milhÃµes de pessoas, um recorde. Outro indÃcio Ã© a evoluÃ§Ã£o da renda per capita no Brasil. Enquanto os 10% mais ricos tiveram uma queda anual mÃ©dia de 1,16% entre 2014 e 2021, o tombo foi de 7,59% ao ano entre os 10% mais pobres no mesmo perÃodo. Entre 2004 e 2014, o PIB tambÃ©m cresceu, mas a extrema pobreza experimentou uma dÃ©cada de sucessivas reduÃ§Ãµes. Nesse perÃodo, o crescimento anual da renda per capita foi maior entre os mais vulnerÃ¡veis (7,74%), enquanto o topo da pirÃ¢mide social teve um avanÃ§o mais tÃmido (3,49%), abaixo atÃ© mesmo da mÃ©dia nacional. "A gente nunca gastou tanto com transferÃªncia de renda. Gastava R$ 30 bilhÃµes por ano, com a pandemia gastamos dez vezes isso e a pobreza piorou. A gente nÃ£o focalizou, foi um gasto desordenado", diz Machado. "A gente organizou direitinho a fila para receber a vacina, primeiro idosos, profissionais de saÃºde, depois vacinando todo mundo atÃ© chegar hoje Ã s crianÃ§as. Deveria ser igual na polÃtica contra extrema pobreza, ter uma ordenaÃ§Ã£o efetiva, centralizada nos que mais precisam", afirma. A economista Luiza Nassif, diretora do Made/USP (Centro de Pesquisa em Macroeconomia das Desigualdades da Universidade de SÃ£o Paulo), avalia que a recuperaÃ§Ã£o recente do crescimento brasileiro, alÃ©m de pequena, Ã© desigual. "Quando vocÃª olha para o rendimento mÃ©dio do trabalho, nÃ£o hÃ¡ uma recuperaÃ§Ã£o geral. Ele nÃ£o voltou ao nÃvel prÃ©-pandÃªmico, nem no agregado, muito menos para certos grupos, como mulheres negras", diz. "A recuperaÃ§Ã£o vem mais rÃ¡pido para quem jÃ¡ estava no topo da pirÃ¢mide." Ela destaca que a metade mais pobre da populaÃ§Ã£o concentra 9,8% da renda no paÃs, enquanto os 10% mais ricos respondem por uma fatia de 59,8%, segundo dados de 2019 do World Inequality Database. Uma forma de corrigir isso, segundo Nassif, Ã© tributar os lucros e dividendos distribuÃdos para pessoas fÃsicas. Hoje, esses rendimentos sÃ£o isentos de IRPF (Imposto de Renda da Pessoa FÃsica), beneficiando investidores e a chamada "pejotizaÃ§Ã£o", quando trabalhadores atuam como se fossem empresas, prestando serviÃ§os para outras companhias. Enquanto isso, os rendimentos de quem tem carteira assinada sÃ£o tributados com uma alÃquota de atÃ© 27,5%. Em marÃ§o, a Folha de S.Paulo mostrou que a renda declarada por brasileiros com lucros e dividendos subiu a R$ 384,3 bilhÃµes de 2019 a 2020, uma alta de 7% no ano em que o surgimento da pandemia destruiu milhÃµes de postos de trabalho e levou empresas a cortarem salÃ¡rios de trabalhadores. AlÃ©m disso, de cada R$ 100 declarados como lucros e dividendos, R$ 70 estavam nas mÃ£os do 1% mais rico -um seleto grupo de

316.348 declarantes que teve rendimentos entre R$ 603,1 mil e R$ 2,6 bilhÃµes no ano de 2020. "Colocar o rico no Imposto de Renda Ã© extremamente importante", diz Nassif. "Reduzir a desigualdade em si jÃ¡ gera crescimento, quem estÃ¡ na base da pirÃ¢mide consome mais. EntÃ£o tem dois pontos, um de justiÃ§a social e outro de melhora da economia", acrescenta. FAMÃLIAS VULNERÃVEIS CONVIVEM COM MONTANHA-RUSSA DE RENDA Em 2020, o governo Bolsonaro criou o auxÃlio emergencial para socorrer famÃlias vulnerÃ¡veis em meio aos impactos econÃ"micos severos da Covid-19. O benefÃcio chegou a contemplar 67 milhÃµes de brasileiros nas primeiras rodadas. Para alÃ©m dos casos de recebimento indevido, o programa tambÃ©m sofreu uma sÃ©rie de interrupÃ§Ãµes. Em janeiro de 2021, as famÃlias caÃram no limbo, sem ajuda do governo, e ficaram nessa situaÃ§Ã£o atÃ© a renovaÃ§Ã£o do benefÃcio em abril daquele ano. Os valores tambÃ©m oscilaram. O auxÃlio emergencial primeiro foi de R$ 600 por pessoa, depois R$ 300, depois de R$ 150 a R$ 375. Com a transformaÃ§Ã£o do Bolsa FamÃlia em AuxÃlio Brasil, o valor mÃnimo passou a R$ 400 por famÃlia. Neste ano, a fila de espera do benefÃcio cresceu e beirou os 2 milhÃµes. Bolsonaro manobrou e obteve apoio do Congresso Nacional para aprovar uma PEC (proposta de emenda Ã ConstituiÃ§Ã£o) que autoriza a turbinar gastos sociais em ano eleitoral. Com isso, a espera foi zerada, e o piso do programa chegou novamente aos R$ 600. Em meio a essas idas e vindas, especialistas avaliam que a focalizaÃ§Ã£o do programa ficou penalizada. As famÃlias brasileiras de baixa renda tambÃ©m passaram a viver uma "montanha-russa da pobreza", como classificaram os pesquisadores Marcelo Neri e Marcos Hecksher em trabalho publicado pela FGV Social. "O problema destas flutuaÃ§Ãµes Ã© a baixa capacidade dos mais pobres de lidar com elas, gerando estados extremos de necessidades nÃ£o satisfeitas", afirmam os pesquisadores, que destacam ser preciso mais estabilidade para essas famÃlias, uma vez que elas tÃªm baixo acesso a fontes emergenciais de recursos, como crÃ©dito. O formato do AuxÃlio Brasil tambÃ©m Ã© criticado. Ao estabelecer um valor mÃnimo por famÃlia, o governo ignora o fato de que lares com maior nÃºmero de integrantes podem ter necessidades mais amplas. Na configuraÃ§Ã£o atual do programa, um casal com dois filhos menores acaba recebendo um benefÃcio per capita menor que um casal sem filhos. Na campanha eleitoral, tanto Bolsonaro quanto o ex-presidente Luiz InÃ¡cio Lula da Silva (PT) prometem manter o piso de R$ 600 por famÃlia a partir do ano que vem, mas com mudanÃ§as. O atual presidente promete um 13Âº para famÃlias chefiadas por mulheres a partir de 2023. Em agosto, 16,9 milhÃµes de beneficiÃ¡rias se enquadrariam nesse critÃ©rio. JÃ¡ a campanha petista promete um adicional de R$ 150 por crianÃ§a de atÃ© 6 anos. Em agosto, cerca de 8,9 milhÃµes de crianÃ§as entre zero e seis anos eram alcanÃ§adas pelo programa de transferÃªncia de renda. "A famÃlia em vulnerabilidade precisa de estabilidade de renda. Dar no final do ano mais um pouco nÃ£o resolve o problema do ano inteiro. Ã‰ melhor ter um critÃ©rio estÃ¡vel para aquela famÃlia fazer as compras do mÃªs, nÃ£o produzir picos", avalia Laura Machado. Para ela, dar um valor adicional por crianÃ§as Ã© "um pouco melhor", mas o ideal seria rever o modelo do programa e retomar o valor por nÃºmero de integrantes, como era no Bolsa FamÃlia. Tags:

RobÃ"s na indÃºstria nacional (foto: rawpixel.com / Carol M Highsmith)

RobÃ"s na indÃºstria nacional (foto: rawpixel.com / Carol M Highsmith)